

Narrativas antivacinas e a crise de confiança em algumas instituições

Anti-vaccine narratives and the crisis of trust in some institutions

Narrativas antivacunas y crisis de confianza en algunas instituciones

Tainá de Almeida Costa^{1,a}

tainacosta@usp.br | <https://orcid.org/0000-0002-5201-2930>

Eunice Almeida da Silva^{1,b}

eunice.almeida@usp.br | <https://orcid.org/0000-0003-1013-9666>

¹ Universidade de São Paulo, Escola de Artes Ciências e Humanidades. São Paulo, SP, Brasil.

^a Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

^b Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO

As narrativas antivacinas vêm ganhando força ao redor do mundo e têm sido foco de preocupação de autoridades de saúde nacionais e internacionais. Este artigo tem como objetivo principal analisar as narrativas postadas em dois grupos antivacinas no Facebook publicadas em 2020, quando o mundo iniciava o enfrentamento da pandemia de covid-19. A estratégia metodológica utilizada para alcançar o objetivo e ancorar as análises é o Mapa das Mediações, de Martín-Barbero. Os resultados revelam, entre outros pontos, que as narrativas antivacinas estão, em grande parte, relacionadas com uma desconfiança em duas instituições: a ciência e o Estado. Isso permite o desdobramento de novos estudos focados no desenvolvimento de políticas públicas para o combate à desinformação sobre a saúde nos meios de comunicação.

Palavras-chave: Movimentos antivacinas; Rede social; Covid-19; Instituições; Narrativa.

ABSTRACT

Anti-vaccine narratives have been gaining strength around the world and have been a focus of concern of national and international health authorities. This article has as main objective to analyze the narratives posted in two anti-vaccine groups on Facebook, published in 2020, when the world was starting the fighting against the covid-19 pandemic. The methodological strategy to achieve the objective and anchor the analyzes is the Map of Mediations, produced by Martín-Barbero. The results reveal, among other points, that the anti-vaccine narratives are connected with a distrust in two institutions: the science and the State, allowing the development of new studies focused on public policies to combat misinformation about health in the media.

Keywords: Anti-vaccination movements; Social network; Covid-19; Institutions; Narrative.

RESUMEN

Las narrativas contra las vacunas están ganando fuerza en todo el mundo y están siendo un foco de preocupación para las autoridades sanitarias nacionales e internacionales. Este artículo tiene como objetivo principal analizar las narrativas publicadas en dos grupos antivacunas en Facebook, en 2020, cuando el mundo empezó a luchar contra la pandemia de covid-19. La estrategia metodológica utilizada para lograr el objetivo y realizar los análisis es el Mapa de las mediaciones, evidenciado por Martín-Barbero. Los resultados revelan, entre otros puntos, que las narrativas antivacuna están conectadas con la desconfianza en dos instituciones: la ciencia y el Estado, lo que permite el desarrollo de nuevos estudios enfocados en políticas públicas para combatir la desinformación sobre salud en los medios de comunicación.

Palabras clave: Movimientos anti-vacunación; Red social; Covid-19; Instituciones; Narrativa.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o dossiê Perspectivas multidisciplinares sobre desinformação em ciência e saúde.

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Tainá de Almeida Costa e Eunice Almeida da Silva.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Tainá de Almeida Costa.

Redação do manuscrito: Tainá de Almeida Costa.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Eunice Almeida da Silva.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 21 mar. 2022 | aceito: 02 jun. 2022 | publicado: 30 jun. 2022.

Apresentação anterior: não há.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Os índices de imunização estão em queda no Brasil desde 2015, e nenhuma das metas de cobertura de vacinas infantis disponíveis pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) foi atingida em 2020 (MADEIRO, 2021). Esse cenário vem se repetindo em outras partes do mundo e, em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou um relatório com dez ameaças para a saúde global, sendo uma delas a hesitação em aceitar o uso de vacinas, que é descrita como relutância ou recusa à vacinação, mesmo quando ela está disponível (OPAS, 2019).

Considerando esse contexto, compreender as narrativas antivacinas, e as mediações envolvidas em seu processo de disseminação, poderia contribuir para análise e formulação de políticas públicas, além de ser útil para programas relacionados à saúde e comunicação, com destaque para a importância da vacinação. Isso porque a comunidade científica defende que, para além de uma escolha pessoal, a hesitação relativa à vacinação desponta como um problema social, em função do risco da volta de doenças consideradas erradicadas ou da permanência de doenças como a covid-19.

Para compreender esse fenômeno é importante definir o termo narrativa, que pode ter muitos significados: história; algo contado ou recontado; relato de evento real ou fictício; relato de uma série de eventos sequenciais e conectados; relato de acontecimentos; série de eventos passados; sequência de eventos lógicos e cronológicos, podendo circular em textos orais, escritos e visuais (PAIVA, 2008). As narrativas podem ser reais ou imaginárias sem perder seu poder como história (BRUNER, 2002 *apud* PAIVA, 2008).

O significado de narrativa também pode estar atrelado ao tempo, ou seja, as narrativas estão circunscritas e ganham significado em um determinado tempo. “O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que se esboça [*sic*] os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 2010, p. 15). Assim, a dimensão temporal é relevante para o entendimento das narrativas. É o recorte temporal que dita o contexto e permite entender as características da comunicação, da cultura e da política, que representam as mediações constitutivas na perspectiva teórico-metodológica do Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2015).

Se o tempo é elemento fundamental para compreender as narrativas, ao analisar os protestos contra a vacinação, nesta dimensão é possível concluir que eles surgiram juntamente com a vacinologia moderna, no século XVIII. As formas dos protestos incluíam apelos emocionais dos pais, denúncias à teoria dos germes, acusações de falsidade direcionadas aos profissionais de saúde e uso de estudos alternativos que atestaram a ineficácia da vacinação. Os argumentos contra a vacinação incluíam preocupação com segurança, desrespeito aos direitos individuais, desconfiança na ciência, defesa da ‘cura natural’, promoção da reforma sanitária, descrença nas teorias do contágio e motivação monetária por detrás da imunização (KATA, 2010).

No Brasil, os protestos contra vacinas também não são um fenômeno novo. Em 1904, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, foi palco da Revolta da Vacina. Naquele ano, uma campanha de vacinação em massa e obrigatória contra varíola, promovida pelo governo federal, gerou articulação política e mobilização por parte da população, que se recusou a ser vacinada. Os opositores à vacinação alegavam que os soros e os aplicadores eram pouco confiáveis. Além disso, afirmavam que os encarregados de aplicá-las eram brutos e truculentos. Num contexto de mudança social e urbanização do Brasil, a revolta se deu, também, como estopim de um processo de segregação social (SEVCENKO, 2003). Esses exemplos ilustram narrativas construídas em torno do tema e que influenciaram o comportamento da população na época.

No momento atual, um fator significativo para entender o movimento antivacina é o advento da internet e, conseqüentemente, a possibilidade de conexão global. As mudanças constantes das tecnologias da comunicação na era digital ampliaram o alcance dos meios de comunicação para todas as esferas da vida

social. Mesmo que cada mente humana construa seu significado próprio, interpretando em seus próprios termos as informações, esse processamento mental tem sido influenciado pelo ambiente de comunicação. Com isso, a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente a construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder (CASTELLS, 2017). Ou seja, movimentos antivacinas não são uma novidade, mas ganha novos contornos no contexto digital, especialmente com o advento das redes sociais.

O estudo de Boyd e Ellison (2007) mostra que a primeira rede social foi lançada em 1997. Nos quatro anos seguintes o número de comunidades com diferentes combinações de perfis e ‘amizades’ publicamente articuladas cresceu. As redes sociais são consideradas, por estes autores, serviços da internet que permitem aos usuários criarem um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado; articularem uma lista de outros usuários com os quais compartilham conexão e visualizam as conexões feitas por outras pessoas no sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de *site* para *site*.

Junto com esses serviços abertos, outros *sites* de redes sociais foram lançados para oferecer suporte a grupos específicos antes de se expandir para um público mais amplo. É o caso do Facebook, que começou no início de 2004 como uma rede social exclusiva de Harvard. A partir de setembro de 2005, a rede social se expandiu, incluindo estudantes do ensino médio, profissionais que trabalham em empresas e, eventualmente, todos que quisessem fazer parte (BOYD; ELLISON, 2007). No primeiro trimestre de 2020, os aplicativos do Facebook, grupo que mais recentemente foi rebatizado como Meta, alcançaram três bilhões de usuários no mundo todo. O volume corresponde a quem acessou Facebook, Instagram, WhatsApp e Messenger, pelo menos uma vez por mês, entre janeiro e março daquele ano (G1, 2020).

Essa possibilidade de conexão global entre os usuários permitiu um maior alcance dos grupos contra vacinas, alimentando ainda mais as preocupações do público sobre a segurança dos imunizantes e as narrativas contra vacinação. Nos tornamos uma sociedade da informação, onde estas, precisas ou imprecisas, estão amplamente disponíveis, utilizadas e divulgadas por meio da internet. Influenciados por essas tendências, muitos grupos antivacinas também demonstram uma postura antiautoridade (POLAND; JACOBSON, 2001). Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas postadas em dois grupos do Facebook, em 2020.

MATERIAL

Para realizar a análise das narrativas contra vacinação neste trabalho, como mencionado anteriormente, optou-se por coletar dados de dois grupos do Facebook cuja temática é contra vacinas. Essa rede social vem se mostrando um importante vetor para disseminar desinformação e conteúdo contra vacinação; por isso a escolha desse canal. Optou-se pela análise dos grupos antivacinas públicos com maior número de membros no Brasil: ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’, com 13.700 membros e ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’ com 7.970 membros, quando a coleta de dados foi realizada, entre maio e setembro de 2020.

Os dados foram coletados manualmente, via ferramenta de busca presente nos próprios grupos. Foi analisada uma amostra 100 posts, sendo 50 do grupo ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’ e 50 do grupo ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’. O número de 50 postagens por ano resulta de uma limitação imposta pelo próprio Facebook, que mostra apenas cerca de 50 resultados quando a ferramenta de buscas é utilizada nos grupos.

A escolha do ano de 2020 se deu em função do início da pandemia pelo SARS-CoV-2. Nesse período, observou-se um aumento da discussão sobre vacinas nos meios de comunicação. O que também se refletiu nas discussões dos grupos contra vacinação do Facebook.

A estratégia metodológica utilizada para a coleta de dados foi composta pelos seguintes passos:

1. Entrar no grupo e clicar na lupa de busca que fica na barra de menu.
2. Ao clicar na ferramenta de busca, digitar a palavra-chave ‘vacina’ seguida pela tecla ‘enter’. Foi usado esse recurso porque alguns posts publicados nos grupos eram sobre outros assuntos. Ao utilizar esse filtro foi possível delimitar com mais assertividade a amostra a ser analisada, garantindo que os posts fizessem algum tipo de menção às vacinas.
3. Na lateral esquerda da página que se abria, ao clicar no campo ‘data de publicação’, foi selecionado um novo filtro, referente ao ano em que foram publicados os dados a serem coletados. Como já mencionado, no caso deste estudo, o ano escolhido para ser analisado foi 2020.
4. Após selecionar o ano, o Facebook carregou entre 44 e 50 posts daquele ano. Como dito anteriormente, a plataforma não disponibiliza todos os posts do período via mecanismo de busca.

Para a coleta e o registro dos dados, foi necessário abrir cada post, copiar o *link* que levou a ele e colar na planilha do Google na qual foi feito o armazenamento dos dados coletados. Dessa maneira, foram incluídas as seguintes informações na planilha: data da coleta, texto do post, data de publicação, números de engajamento com a postagem (comentários, reações e compartilhamentos), tipo de mídia usada no post (imagem, vídeo, link), texto dos comentários, nome do autor da publicação, link para o perfil de tal autor, referência específica a algum tipo de vacina. Além disso, a planilha dispunha de outras duas colunas que foram utilizadas num momento posterior da análise dos posts: mediações presentes na narrativa (institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade) e argumento apresentado na narrativa que o conecta à mediação.

Utilizou-se para o armazenamento de dados o seguinte processo:

1. Cada linha da planilha recebeu os dados de um post.
2. A cada post foi atribuído um número de referência para identificá-lo.
3. Esse mesmo número foi usado para nomear o arquivo da captura de tela (*print screen*) que foi feito para arquivar visualmente cada post. Se ele fosse muito comprido e não coubesse em um único *print*, era necessário fazer dois ou mais *prints* (quantos fossem necessários) e, junto com o seu número de referência, nomeá-lo seguido de letras alfabeto (ex.: “1a” para *print* da primeira parte, “1b” para *print* da segunda parte) e assim por diante.
4. Esses arquivos de imagem foram armazenados em uma pasta do Google Drive, serviço de armazenamento de dados na nuvem do Google, para o caso de necessidade de consulta. As imagens utilizadas neste trabalho, com a finalidade de exemplificar os resultados, tiveram os nomes dos autores ou autoras cortados e, no caso de uso de fotos de pessoas não-públicas, os olhos foram borrados para evitar identificação.

Vale ressaltar que, após a coleta e armazenamento dos dados, constatou-se que o grupo ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’ não estava mais disponível na plataforma Facebook. No entanto, as publicações analisadas neste trabalho estão registradas por meio de captura de tela e a exclusão do grupo não acarretou prejuízo para o material de estudo. Com isso, optou-se por manter o conteúdo do grupo na base de dados.

METODOLOGIA

As postagens coletadas nos grupos ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’ e ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’ foram classificadas de acordo com as quatro mediações elencadas no Mapa das Mediações de Martín-Barbero: institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade. Para avançar na estruturação da metodologia é importante dar luz ao que significam as mediações, considerando que não existe uma

definição única, já que essa é uma noção que vai evoluindo ao longo do tempo, com as transformações da sociedade e da comunicação. De acordo com Martín-Barbero e Sonia Munhoz (1992, p. 20), “[...] as mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver.”

Assim como o conceito de mediações, a proposta de Mapa Metodológico das Mediações foi sendo aprimorada para acompanhar as mudanças sociais e do universo da comunicação. O autor trabalhou em quatro versões do Mapa Metodológico das Mediações, em um processo de revisão e complementação das versões anteriores.

A construção da cartografia barberiana tem natureza dialética, pois, na medida em que um mapa dialoga com as fontes dos mapas anteriores, temos a proposta de um novo mapa. Portanto, um mapa não substitui o anterior, mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo que exige um pensamento de maior complexidade (LOPES, 2018, p.60).

A quarta versão do Mapa Metodológico das Mediações foi publicada na década de 90 do século XX. Deste período até os momentos atuais, mudanças importantes na forma como as pessoas se comunicam aconteceram. Entre elas, o advento das redes sociais e a popularização de aplicativos de troca de mensagens instantâneas. Ainda assim, Martín-Barbero antecipou movimentos que se intensificaram com a disseminação da internet e que já estavam presentes nos meios mais tradicionais no final dos anos 1980. Na sua perspectiva, a diluição do ambiente cultural socialmente compartilhado daria origem à fragmentação dos públicos, à segmentação do consumo e à individualização das demandas (JACKS; SCHMITZ, 2018). Essas características estão presentes na forma como se consome mídia digital atualmente.

Nesta análise, será usada a versão do mapa apresentada na 7ª edição da obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* e ilustrada na figura a seguir (MARTÍN-BARBERO, 2015)¹. Trata-se da versão mais recente do Mapa Metodológico das Mediações com publicação traduzida para o português.



Figura 1 – Mapa Metodológico das Mediações
Fonte: MARTÍN-BARBERO (2015, p. 16).

A base estrutural do modelo é dividida em dois eixos que se cruzam: o diacrônico e o sincrônico. O diacrônico, ou eixo horizontal, diz respeito à perspectiva histórica que explica e ajuda a desvendar a

1 Em entrevistas concedidas em 2009, Martín-Barbero faz comentários sobre uma nova versão do Mapa Metodológico, em que ele substitui socialidade e institucionalidade por outras duas mediações: identidade e cognitividade (MARTÍN-BARBERO, 2009a, 2009b). Não foram encontradas, contudo, publicações próprias com menção e detalhamento dessa nova versão.

articulação dos movimentos sociais com a produção da indústria midiática. O sincrônico, representado na vertical, se refere à conexão entre a produção e o consumo dos conteúdos produzidos pela mídia, o que inclui as estratégias dos produtores e as competências de leitura dos receptores (MARTÍN-BARBERO, 2015).

As relações entre matrizes culturais e lógicas de produção são mediadas por diferentes regimes de institucionalidade. De acordo com Barbero (2015), a institucionalidade se apresenta como uma mediação composta por interesses e poderes contrapostos, afetando discursos. De um lado, o Estado com foco em manter a estabilidade da ordem vigente. De outro, a população, entre majorias e minorias, buscando defender seus direitos.

Já as relações entre matrizes culturais e competências de recepção são mediadas por diferentes formas de socialidade, que tratam das relações entre as pessoas e das pessoas com o poder e a autoridade. De acordo com Barbero, essa mediação “resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 17).

Entre as lógicas de produção e os formatos industriais medeiam as tecnicidades. Ao abordá-las, o autor o faz trazendo o contexto da globalização, demonstrando uma mudança de cenário e, conseqüentemente, de significado dessa mediação em relação às versões anteriores do Mapa. O autor aborda a conexão dos meios tradicionais de comunicação (televisão e telefone) com o computador, especialmente a relação cada vez mais acelerada entre os discursos públicos e relatos midiáticos com os formatos industriais e os textos virtuais (MARTÍN-BARBERO, 2015). O sentido de tecnicidade se relaciona com as materialidades no discurso, que dão origem aos formatos de mídia, ou seja, se relaciona com o formato em que se materializa a linguagem (GUTMANN, 2014).

Por fim, entre os formatos industriais e as competências de recepção estão as ritualidades. Barbero as descreve como “modos de existência do simbólico, trajetórias de iniciação e ritos de passagem, serialidade ficcional e repetição ritual” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 20). Esses modos, trajetórias, ritos e repetições permitem entrever o jogo entre cotidianidade e experiências, resacralização e reencantamento do mundo. A ritualidade se relaciona à configuração dos nexos simbólicos, tornando possível a construção de sentidos produzidos na relação com os interlocutores, num movimento de dar conta dos modos de interação e contextos acionados pelos textos (GUTMANN, 2014).

As quatro mediações do Mapa Metodológico das Mediações (institucionalidade, socialidade, tecnicidade e ritualidade) foram a base para a análise das 100 postagens que, de alguma maneira, mostravam argumentos contra vacinação, feitas nos grupos do Facebook ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’ e ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’. Foram analisados os termos e elementos que apareciam com maior frequência nos posts e que indicavam uma ou mais mediações de acordo com Barbero (2015).

Vale ressaltar que as mediações podem aparecer de forma combinada. Ronssini (2010) apresenta uma descrição das conexões entre as mediações que ajuda a entender por que, em muitos casos, as mediações aparecem de forma complementar:

A socialidade e a ritualidade se constituem a partir dos processos midiáticos, enquanto a institucionalidade e tecnicidade dizem respeito ao aspecto técnico da conformação da cultura: no caso da institucionalidade, da própria cultura da mídia; no caso da tecnicidade, da cultura do nosso tempo, na medida em que ela está imbricada com a cultura produzida institucionalmente pelos conglomerados do setor de comunicações. As duas últimas se relacionam às características institucionais e técnicas dos meios de comunicação na modelagem dos formatos industriais e suas matrizes culturais tanto quanto nas injunções entre seus produtos e a estrutura social (RONSSINI, 2010, p. 10).

RESULTADOS

Entre os 100 posts analisados, oito utilizaram apenas texto em suas mensagens, sem contar com nenhum tipo de mídia (imagem, vídeo, *link*, documento). As demais, 92 publicações, possuíam pelo menos um recurso de mídia, o que evidencia o amplo uso desses artifícios para construir a mensagem. O recurso mais utilizado foi a combinação de imagem e *link* (em geral, as imagens eram capturas de tela do conteúdo dos *links*), presente em 58 posts.

A vacina mais citada, com 38 menções, foi a contra a covid-19. Uma série de postagens questiona o tempo recorde de desenvolvimento das vacinas, os interesses da indústria farmacêutica, as reações, a relação da vacina com HIV e os riscos à segurança reprodutiva. Além da vacina contra o coronavírus também apareceram menções às vacinas contra influenza, Papilomavírus Humano (HPV, sigla em inglês), tríplice viral e poliomielite.

Ao analisar as narrativas presentes nas postagens e as mediações relacionadas, é possível identificar uma forte presença da institucionalidade, que de acordo com Barbero (2015) é uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos. O argumento mais comum contra a vacinação está relacionado à desconfiança nas instituições. A ciência, a medicina e a indústria farmacêutica são questionadas, especialmente com relação à segurança e à eficácia desses imunizantes, além da possibilidade de as próprias vacinas causarem doenças.

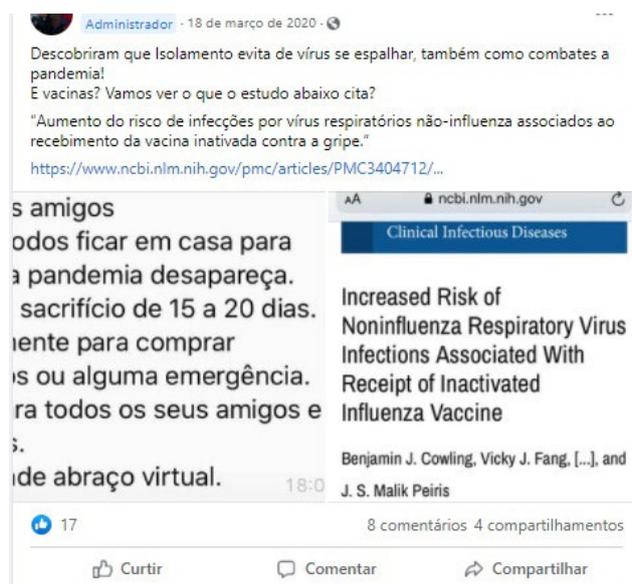


Figura 2 – Post que utiliza como mediação a institucionalidade

Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'Vacinas: O lado obscuro das vacinas', 2020.



Figura 3 – Post que utiliza como mediação a institucionalidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'VACINAS: o maior CRIME da história!', 2020.

Especificamente no caso das vacinas contra covid-19, são questionados os métodos científicos usados nos testes da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford e a farmacêutica AstraZeneca, testada no Brasil em parceria com a Universidade Federal de São Paulo, e destacadas as suspensões dos testes em função de efeitos adversos em participantes.

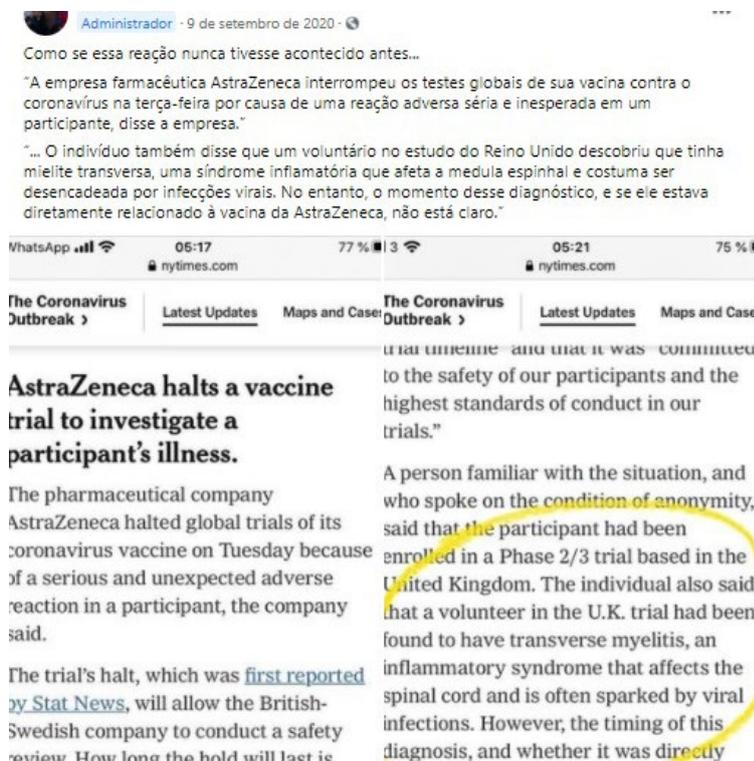


Figura 4 – Post que utiliza como mediação a institucionalidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'Vacinas: O lado obscuro das vacinas', 2020.



Figura 5 – Post que utiliza como mediação a institucionalidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'VACINAS: o maior CRIME da história!', 2020.

Nas publicações relacionadas à mediação denominada ritualidade, há uma convergência com ritos de passagem como a morte, já que em várias das narrativas há associação entre vacinas, morte e o uso de células de feto abortado para fabricá-las. Segundo Barbero (2015), a ritualidade diz respeito aos ritos e repetições, às experiências e à criação de nexos simbólicos.



Figura 6 – Post que utiliza como mediação a ritualidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'VACINAS: o maior CRIME da história!', 2020.

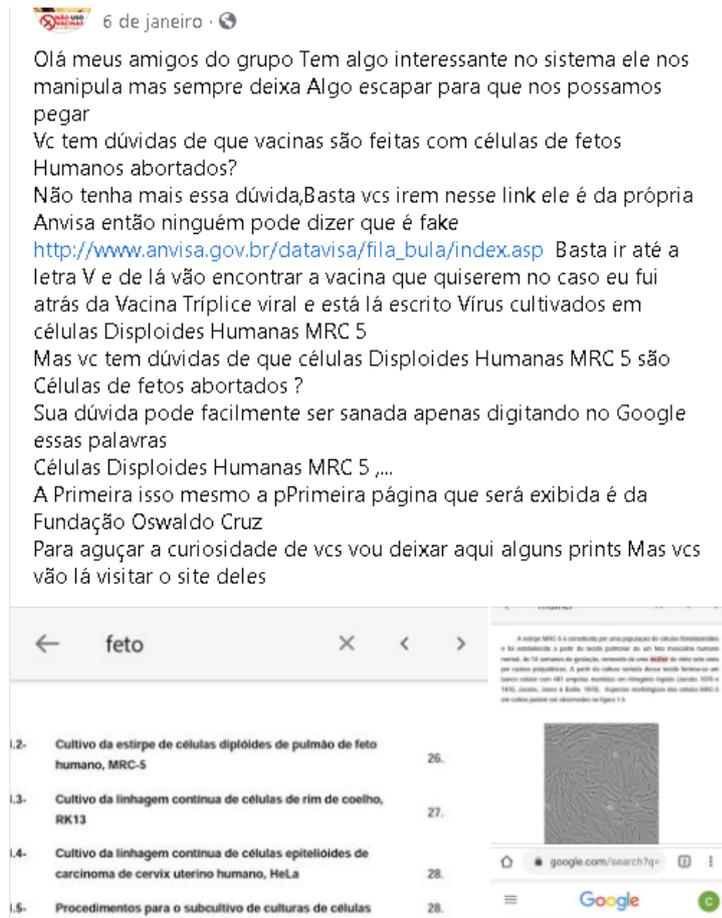


Figura 7 – Post que utiliza como mediação a ritualidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'VACINAS: o maior CRIME da história!', 2020.

Segundo Martín-Barbero (2015), os argumentos que utilizam a mediação socialidade, em sua maioria, estão relacionados ao poder entre as pessoas e das pessoas com as autoridades. São argumentos relacionados a direitos e liberdades civis, reivindicando que a prática de vacinação seja optativa, dando liberdade para cada um escolher se quer ou não se vacinar e vacinar seus filhos ou dependentes, além de questionamentos sobre as intenções por trás da vacinação em massa.



Figura 8 – Post que utiliza como mediação a socialidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'VACINAS: o maior CRIME da história!', 2020.

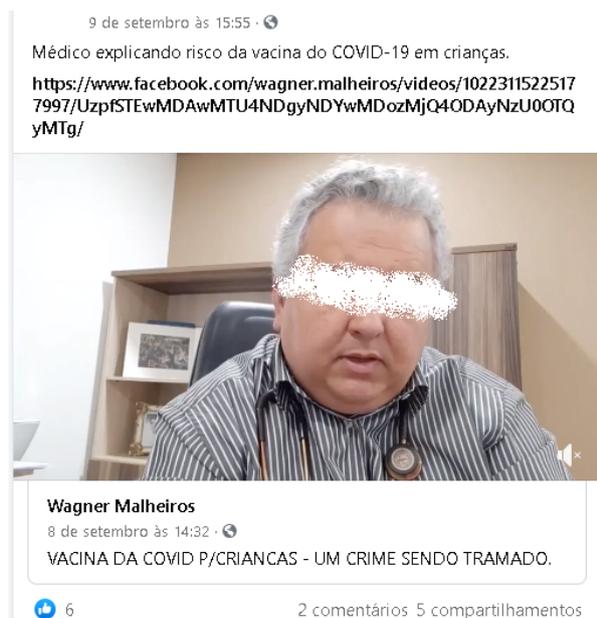


Figura 11 – Post que utiliza como mediação a tecnicidade
Fonte: captura pelas autoras no grupo de Facebook 'VACINAS: o maior CRIME da história!', 2020.

Na tabela a seguir é possível ver um compilado das mediações identificadas nas 100 postagens analisadas. Os números reforçam a predominância da mediação institucionalidade, que está presente em mais de 70 posts. Além disso, uma parcela relevante das publicações (53%) continha mais de uma mediação.

Tabela 1 – Mediações presentes nos grupos de Facebook antivacinas analisados neste trabalho

Mediação	Total de posts
Total de posts	100
Institucionalidade	29
Tecnicidade	11
Socialidade	4
Ritualidade	2
Nenhuma	1
Mais de uma	53
Institucionalidade e Ritualidade	1
Institucionalidade e Socialidade	2
Institucionalidade e Tecnicidade	40
Institucionalidade, Ritualidade e Socialidade	1
Institucionalidade, Socialidade e Tecnicidade	1
Ritualidade e Socialidade	1
Ritualidade e Tecnicidade	1
Socialidade e Tecnicidade	6

Fonte: elaboração das autoras com base na planilha de registro de dados coletados.

As mediações combinadas que mais apareceram foram institucionalidade e tecnicidade. Isso porque, em vários posts, o argumento contra instituições era endossado por imagens, artigos científicos ou notícias veiculadas na imprensa, por exemplo. Ambos os elementos (texto do post e recurso de mídia adicional,

como foto, vídeo ou link) tinham um peso relevante para passar a mensagem, como é possível observar nas Figuras 3 e 5 que exemplificam o uso da mediação institucionalidade e se utilizam também da tecnicidade.

DISCUSSÃO

Diante destes resultados foi possível identificar três pontos principais que merecem atenção e serão explorados a seguir. São eles: 1. crise de confiança nas instituições, especialmente na ciência; 2. o uso político de narrativas relacionadas à saúde; e 3. presença do fenômeno de desinformação nas postagens catalogadas neste estudo.

Estudos nacionais (LEVI, 2013; ZORZETTO, 2018) e internacionais (KATA, 2010; POLAND; JACOBSON, 2001) corroboram os achados desta pesquisa, uma vez que mostram argumentos contra vacina semelhantes. Ou seja, em sua maioria os achados relacionados às narrativas contra vacina revelam desconfiança, por parte da sociedade, com relação à ciência e ao Estado. Considerando a descrição das mediações de Barbero (2015), essas narrativas estão mediadas pela institucionalidade.

A convergência dos achados deste trabalho com outros estudos nacionais e internacionais reforça a relevância das narrativas que são mediadas pela institucionalidade. Elas se destacam como dotadas de potência para disseminação de narrativas antivacinas, demonstrando desconfiança em relação a instituições importantes e que exercem poder na sociedade: Estado e ciência.

Os últimos 500 anos testemunharam um crescimento sem precedentes do poderio humano graças à Revolução Científica. Uma das bases de sustentação da ordem social moderna tem sido a crença na tecnologia e nos métodos da pesquisa científica (HARARI, 2019). No entanto, os achados deste trabalho indicam pontos de ruptura nessa crença, observados nas postagens com questionamentos do método científico usado na testagem e produção de vacinas e nas dúvidas sobre eficiência e segurança da vacinação, que existe desde o século XVIII.

A socialidade, segunda mediação mais presente nas postagens analisadas, aparece principalmente em narrativas relacionadas à autonomia do indivíduo e à liberdade de escolha, além de ser observada em questionamentos sobre os interesses governamentais evidenciados nas campanhas de vacinação. Esses argumentos também foram identificados por outros estudos sobre os movimentos antivacinas na forma de alegações relacionadas a direitos individuais e liberdades civis, reivindicações de que a vacinação seja optativa, dando a opção de escolha se o indivíduo quer ou não se vacinar e vacinar seus dependentes, além de questionamentos sobre as possíveis intenções por trás da vacinação em massa (KATA, 2010; LEVI, 2013).

Esse tipo de narrativa, que sinaliza relações de poder por parte de alguns e subordinação por parte de outros, vem ganhando destaque atualmente com o uso político da ciência e da saúde, que é o segundo ponto de atenção elencado neste trabalho. Nos Estados Unidos, por exemplo, as mensagens públicas durante a pandemia de coronavírus divergiram drasticamente entre as linhas partidárias. Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, e outras autoridades republicanas às vezes minimizam a gravidade da crise, enquanto os líderes democratas deram mais ênfase aos seus perigos (ALLCOTT *et al*, 2020).

Segundo o jornal Correio Braziliense, no Brasil, o presidente em exercício em 2020, Jair Bolsonaro, desdenhou da “vacina chinesa” e criticou João Doria, então governador do estado de São Paulo e seu adversário político, que assinou acordo para testar e produzir a vacina desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac Biontech (FERNANDES, 2020). O uso político de questões relacionadas à ciência e à saúde leva a um juízo de valor e a uma distorção do debate científico que estimula dúvidas e desconfianças por parte da população.

Os argumentos que se firmaram na mediação socialidade dão espaço para teorias da conspiração. Apesar de não ser o foco deste estudo, esse ponto sinaliza a necessidade de pesquisas futuras sobre agnotologia. Trata-se do estudo da negação da ciência com o objetivo de gerar a dúvida ou a ignorância – o que se opõe ao estudo do conhecimento pela epistemologia (PROCTOR; SCHIEBINGER, 2008).

Sobre o terceiro e último ponto de atenção, nas postagens também é possível observar conteúdos que tiram informações de contexto como, por exemplo, o uso de fetos para fabricar vacinas. Algumas postagens sugerem que abortos são feitos para que vacinas sejam produzidas. Veículos jornalísticos se dedicaram a checar essa informação e concluíram que o desenvolvimento de vacinas pode envolver culturas de células obtidas de tumores ou de fetos humanos que foram abortados (BARIFOUSE, 2020). No entanto, os mesmos veículos jornalísticos enfatizam que nas décadas de 1970 e 1980 essas culturas foram feitas de forma pontual e, desde então, têm sido reproduzidas em laboratório e vendidas para pesquisadores de todo o mundo.

Para Wardle e Derakhshan (2018), este é um caso característico de desordem informacional. É possível identificar três variações desse fenômeno. A primeira é a ‘informação incorreta’: informações falsas compartilhadas, mas sem intenção de causar danos. A segunda é a ‘desinformação’: informações falsas deliberadamente compartilhadas para causar danos. E a terceira é a ‘má informação’: informações genuínas compartilhadas para causar danos, muitas vezes por expor na esfera pública informações destinadas a permanecer privadas (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018). É possível afirmar que a desordem informacional é encontrada nas narrativas antivacinas, na variável de desinformação, em todas as mediações analisadas.

Kata (2010) afirma que discussões contra vacinação focadas em direitos civis e falta de confiança no governo (em função de a vacinação ser obrigatória) são menos comuns e o foco cresceu em direção a críticas à medicina, à ciência e à autoridade. O presente trabalho mostra que as postagens analisadas expressam crise de confiança em relação à ciência e ao Estado. As expressões de desconfiança na ciência apontam a medicina como aliada do Estado e, portanto, não inspira confiança, uma vez que ele exerce sua função de mando, de poder, tentando aniquilar a liberdade de expressão. Isso significa que, no contexto atual de pandemia, o debate público contra a vacinação também ganha contornos políticos, seja relacionados à política partidária ou a direitos e liberdades civis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as narrativas contra vacinação por meio das mediações pode, de um lado, demonstrar o desconforto da população em relação à associação da ciência ao Estado e às medidas tomadas por essas instituições direcionadas à sociedade. Por outro, pode sinalizar a carência da população em receber informações confiáveis e de forma simples, que facilite a compreensão para a tomada de decisão individual.

O uso político das vacinas pode estimular a desconfiança, por parte da população, nas instituições. Isso pode acarretar uma baixa adesão a medidas sanitárias comprovadamente eficazes do ponto de vista individual e coletivo e gerar consequências negativas para o mundo todo.

Este estudo revela também o desconforto de uma parcela da população, representada nos grupos investigados, quanto à ‘posição’ de subordinação a instituições públicas ou privadas. O que pode ser um rebote da crise democrática numa outra faceta, relacionada à saúde coletiva, já que a democracia permite diferentes manifestações e interpretações do que são os direitos civis individuais, inclusive interpretações com conotação antidemocrática.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt *et al.* **Polarization and public health**: partisan differences in social distancing during the coronavirus pandemic. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2020. Working Paper n. w26946. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3574415>. Acesso em: 20 set. 2020.

BARIFOUSE, Rafael. Fetos abortados, microchips e Bill Gates: as mentiras sobre a vacina da covid-19 que já contam por aí. **UOL**, São Paulo, SP, 27 jul. 2020. Viva Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/07/27/fetos-abortados-microchips-e-bill-gates-as-fake-news-sobre-a-vacina-da-covid-19-que-ja-contam-por-ai.htm>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Oxford, v. 13, n. 1, p. 210–230, out. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>. Acesso em: 20 set. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

FERNANDES, Augusto. Covid-19: Bolsonaro desdenha de vacina chinesa e critica Doria. **Correio Braziliense**, 06 ago. 2020. Política. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/08/06/interna_politica.879119/covid-19-bolsonaro-desdenha-de-vacina-chinesa-e-critica-doria.shtml. Acesso em: 03 fev. 2022.

G1. Aplicativos do Facebook têm 3 bilhões de usuários no 1º tri, mas empresa espera queda ao fim do isolamento. **G1**, [s. l.], 30 abr. 2020. Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/04/30/aplicativos-do-facebook-tem-3-bilhoes-de-usuarios-no-1o-tri-mas-empresa-espera-queda-ao-fim-do-isolamento.ghtml>. Acesso em: 03 fev. 2022.

GUTMANN, Juliana Freire. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. **Galáxia**, São Paulo, v.14, n. 28, p. 108-120, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-25542014216654>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/MX7cHwX3zqkJKhN6fJF3tt/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 42. ed. Porto Alegre: LP&M, 2019.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p115-130>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/137525>. Acesso em: 20 fev. 2022.

KATA, Anna. A postmodern Pandora's box: Anti-vaccination misinformation on the Internet. **Vaccine**, Amsterdã, v. 28, n. 7, p. 1709-1716, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2009.12.022>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X09019264?via%3Dihub>. Acesso em: 20 set. 2020.

LEVI, Guido Carlos. **Recusa de vacinas: causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145750>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MADEIRO, Carlos. Queda em taxas de vacinação deve ressuscitar doenças erradicadas do país. **UOL**, Maceió, 29 set. 2021. Viver Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/29/queda-em-taxas-de-vacinacao-deve-ressuscitar-doencas-erradicadas-do-pais.html>. Acesso em: 03 fev. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. Entrevista concedida a: Mariluce Moura. **Pesquisa FAPESP Online**, São Paulo, n. 163, p. 10-15, set. 2009a. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista concedida a: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38228>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUNHOZ, Sonia. (coord.). **Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019**. Brasília, DF: Opas, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-1-2019-dez-ameacas-saude-que-oms-combatera-em-2019>. Acesso em: 04 fev. 2022.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. Aquisição e complexidade em narrativas multimídia de aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 321-339, set. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/dY4yGtBYbv9r4sCVv6G6sgF/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2020.

POLAND, Gregory; JACOBSON, Robert. Understanding those who do not understand: a brief review of the anti-vaccine movement. **Vaccine**, Amsterdã, v. 19, n. 17-19, p. 2440-2445, mar. 2001. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0264-410X\(00\)00469-2](https://doi.org/10.1016/S0264-410X(00)00469-2). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X00004692?via%3Dihub>. Acesso em: 20 set. 2020.

PROCTOR, Robert N.; SCHIEBINGER, Londa. **Agnotology**: the making and unmaking of ignorance. Stanford: Stanford University Press, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – vol 1**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: ENCONTRO DA COMPOS, 19., 08-11 jun. 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2010. p. 1-16. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf. Acesso em: 27 abr. 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 2003.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Genebra: Council of Europe, 2018. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 20 set. 2020.

ZORZETTO, Ricardo. As razões da queda na vacinação. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, v. 19, n. 270, p. 19-24, 2018. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2018/08/Pesquisa_270-1.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.